

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR
CAMPONESA E EDUCAÇÃO NO CAMPO – RESIDÊNCIA
AGRÁRIA**

**JOVENS CASAS RURAIS E SEUS PROJETOS
DE VIDA: ESTUDO DE CASO DE HULHA NEGRA
RS**

ARTIGO CIENTÍFICO

Jocasta Vandes Pedroso

SANTA MARIA, RS, BRASIL

2015

**JOVENS CASAIS RURAIS E SEUS PROJETOS DE
VIDA: ESTUDO DE CASO DE HULHA NEGRA/RS**

Jocasta Vandes Pedroso

**Artigo apresentado ao curso de pós-graduação em
Agricultura Familiar Camponesa e Educação no Campo –
Residência Agrária, da Universidade Federal de Santa Maria
(UFSM, RS)**

Orientador: Prof^a Dr^a Leonice Alves Pereira Mourad

Santa Maria, RS, Brasil

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM AGRICULTURA FAMILIAR
CAMPONESA E EDUCAÇÃO NO CAMPO – RESIDÊNCIA
AGRÁRIA

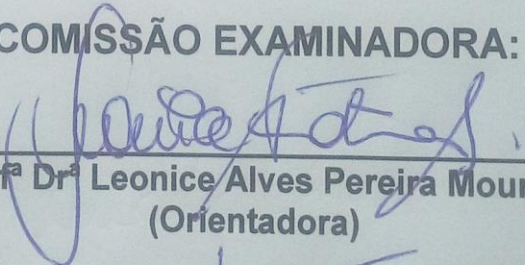
A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova o artigo para especialização

JOVENS CASAIS RURAIS E SEUS PROJETOS
DE VIDA: ESTUDO DE CASO DE HULHA NEGRA
RS

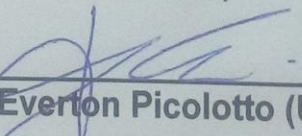
Elaborado por
Jocasta Vandes Pedroso

Como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista
em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo

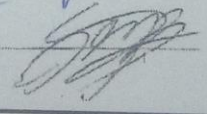
COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof^a Dr^a Leonice Alves Pereira Mourad
(Orientadora)



Prof^o Dr. Everton Picolotto (UFSM)



Prof^o Dr. Sergio Botton Barcellos (UFPel)

RESUMO

O presente artigo trata da permanência de jovens casais rurais, nos assentamentos de reforma agrária do interior do município de Hulha Negra – RS e identifica quais são seus projetos de vida. Como se sabe, muitas são as literaturas que afirmam que o campo está se tornando um espaço vazio em decorrência do êxodo rural, liderado pelos jovens rurais, em especial as jovens. Contudo, no decorrer das observações e estudos realizados no interior do município, foi possível visualizar a presença de diversos casais de jovens assentados em várias localidades de Hulha Negra. A fim de poderem obter uma renda que assegure sua sobrevivência no campo, estes casais desenvolvem diversas atividades agrícolas e até mesmo não agrícolas. Para tanto, foram pré-selecionados uma amostra de três casais de jovens para serem entrevistados, sendo que cada casal gera sua renda a partir diferentes atividades, porém, com alguns pontos em comum. Um dos casais tem a produção leiteira como atividade principal no seu lote; outro casal cultiva lavouras de soja; e por fim o terceiro casal cultiva sementeiras, prepara e comercializa panificados na Feira da Reforma Agrária que ocorre no município, e auxilia na atividade leiteira dos pais do jovem, em regime cooperativado. Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar quais as motivações para os jovens permanecerem no campo frente às adversidades do meio rural e quais são as estratégias e projetos de vida destes casais rurais que permanecem nos assentamentos de Reforma Agrária no município de Hulha Negra/RS. Os objetivos específicos são verificar quais as motivações econômicas que estimulam os jovens a permanecerem no campo; identificar quais são os fatores não econômicos que motivam a permanência dos jovens no campo; analisar qual o perfil do jovem que permanece no assentamento e averiguar quais são seus projetos de vida.

Palavras-chave: assentamentos rurais, juventude rural, atividades produtivas, projetos de vida.

ABSTRACT

This article deals with the permanence of rural young couples in agrarian reform settlements of the interior of the Black Coal county - RS and what their identifies life projects. As we know, there are many literatures which claim that the field is becoming an empty space due to the rural exodus, led by rural youth, particularly young women. However, in the course of observations and studies within the municipality, it was possible to visualize the presence of many young couples settled in various localities of Coal Black. In order to be able to earn an income to ensure their survival in the field, these couples develop various agricultural activities and even non-agricultural. To do so, were pre-selected a sample of three young couples to be interviewed, each couple generates its income from different activities, but with some common ground. One of the couples has milk production primarily engaged in their lot; another couple cultivated soybean crops; and finally the third couple cultivates seed, prepares and sells bakery at the Fair of Agrarian Reform that occurs in the city, make crafts and assists in dairy farming parents of the young man in cooperativado regime. This research has as main objective to analyze the motivations for young people to remain in the field, face the adversities of rural areas and what are the strategies and life plans of these rural couples who remain in the settlements of Agrarian Reform in the municipality of Coal Black / RS. The specific objectives are to check which economic motivations that encourage young people to remain in the field; identify which are the non-economic factors that motivate the permanence of young people in the field; determine the profile of the young man who remains in the field and analyze what their life projects.

Key Words: rural settlements, rural youth, productive activities, life projects.

INTRODUÇÃO

A agricultura familiar está permeada de questões que vão além da produção para o seu auto - sustento e desafios para a geração de renda que assegurem condições para as famílias viverem com qualidade de vida e ter a possibilidade de fazer escolhas. Há também angústias relacionadas à sucessão familiar, tendo em vista que os agricultores com o passar dos anos terão suas condições físicas restringidas, por um processo natural da vida e necessitam ter sucessores que assegurem a continuidade das atividades da família.

Quando a sucessão familiar refere-se às famílias que vivem nos assentamentos de Reforma Agrária a questão torna-se ainda mais tensa, pois cada família assentada recebe, através de um Termo de Concessão de Uso (TCU), e como o próprio nome diz, é um termo de concessão e não a posse efetiva da área, em média a mesma fração de terra, podendo esta quantidade diferenciar-se tanto para mais ou para menos, de acordo com estudos realizados que analisam a capacidade produtiva do solo.

Outro aspecto que causa aflição às famílias assentadas é o fato de que, à medida que os seus filhos atravessam a infância e passam pela primeira fase da adolescência, inicia-se o momento em que a ambição de muitos desses jovens rurais está focada em ter sua independência e sua própria renda, preferencialmente oriunda das atividades rurais. Mas a quantidade de terra dos lotes em que as famílias vivem e desenvolvem suas atividades agrícolas, em média 23 hectares, acaba por não comportar o desejo dos jovens e passa a ser um dos fatores que os levam para outras atividades, que podem ser serviços temporários em outras cidades, ou também podem migrar definitivamente para a zona urbana.

No caso das famílias onde os filhos continuam morando junto com seus pais, sabe-se que naturalmente a fração de terra designada para cada família assentada, com o passar dos anos, após os pais não terem mais condições físicas ou pelo fato de aposentarem-se, passará ou pelo menos poderá ser administrada pelos filhos. Mas a questão que causa angústia no seio da família é como sobreviver até o momento da transmissão da terra para os filhos que já serão adultos, e provavelmente estejam com sua família já constituída e demandando uma renda que a limitada área de terra não é suficiente para tais necessidades.

Em diversas leituras podemos encontrar textos que tratam do esvaziamento do campo. SPANEVELLO (2003, 2008) afirma que dentre as questões que permeiam o

desenvolvimento de espaços rurais, chama a atenção o esvaziamento populacional, ocasionado, sobretudo, pela saída de jovens que vão para a cidade estudar ou buscar melhores oportunidades de emprego e acabam não voltando para o campo.

Para Wanderley (2001), a reprodução social da agricultura familiar tem como objetivo assegurar a sucessão dos filhos. Conforme destaca Champagne (1986a) embora a atividade agrícola seja uma opção aberta para pessoas de origens sociais diversas, o ingresso nas atividades agrícolas continua a ser, em grande parte, de indivíduos do próprio meio rural através do processo conhecido como endoreprodução, ou seja, as novas gerações de agricultores são, principalmente, fruto de famílias rurais.

O presente estudo ocorreu no município de Hulha Negra que está localizado na região da campanha, no estado do Rio Grande do Sul. Sua população é de 6.043 habitantes¹, estando aproximadamente 52% de sua população localizada na zona rural do município. A fundação de Hulha Negra ocorreu no ano de 1992, e um dos fatores que contribuiu para a emancipação do então povoado, que pertencia ao município de Bagé, foi a chegada, a partir de 1988, de famílias de colonos sem terra que migraram de distintas regiões do estado, e passaram a viver nos projetos de assentamentos de Reforma Agrária.



Figura 1 – Localização de Hulha Negra/RS

Fonte: RioGrandedoSul MesoMicroMunicip Hulha Negra.svg

¹ Dados do IBGE – Censo Demográfico 2010.

Além de ter contribuído para a emancipação da localidade, MEDEIROS (2007) diz que é possível afirmar que a instalação dos assentamentos em Hulha Negra promoveu mudanças na economia do município, na organização do seu espaço rural e conseqüentemente no perfil de sua população.

Atualmente há no município vinte e quatro projetos de assentamentos distribuídos em várias regiões de Hulha Negra, estando uma quantidade deles sob responsabilidade do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) e os demais sob responsabilidade do Governo do Estado. Através de contrato com o INCRA, a entidade que presta assistência técnica para os vinte e quatro assentamentos do município é a ASCAR/Emater RS, responsável por assessorar técnica, social e ambientalmente cerca de 850 famílias assentadas.

Quando as famílias sem terra vieram para o então povoado, trouxeram consigo seus conhecimentos e técnicas para trabalharem com as culturas que já desenvolviam na sua região de origem. Porém, no primeiro momento, não obtiveram êxito, pois as condições do solo e demais fatores climáticos da região da campanha, são diferentes das demais regiões de onde as famílias são provenientes, o que ocasionou a perda de diversas lavouras, especialmente aquelas para o autoconsumo, plantadas pelos agricultores. CHIES (2011) fala que:

Com poucos conhecimentos sobre a região, as famílias assentadas iniciaram a produção da mesma forma que produziam em suas regiões de origem, e como resultado obtiveram inúmeras perdas devido à baixa produtividade, além da dificuldade de venda dos produtos gerados.

Um dos casos que pode ilustrar as perdas que as famílias tiveram, todavia inexperientes no que se refere à forma local de cultivar, foi na produção para subsistência, como o cultivo da mandioca. O solo argiloso que se encontra em boa parte do município, embora tenha capacidade para este cultivo, não é o mais adequado. Em algumas das regiões de onde as famílias vieram, era comum que se deixasse o alimento na terra e que o colhesse à medida que fosse preciso. Porém, ao tentarem fazer o mesmo processo na sua nova região, tiveram como surpresa a colheita do tubérculo apodrecido.

Para que as famílias pudessem gerar renda, foi necessária sua adequação às atividades produtivas desenvolvidas na região, e que fossem possíveis de ser realizadas dentro de seu lote de terra. Nos lotes dos assentamentos de Reforma Agrária, cabe às famílias assentadas desenvolver o trabalho sob o regime de exploração familiar que conforme define Hugues Lamarche: “explorações familiares,

ou seja, por explorações nas quais a família participa da produção”. (LAMARCHE. 1993, p.16)

A principal atividade desempenhada no município é a produção leiteira, tendo em vista que as terras tem aptidão para o cultivo de pastagens naturais melhoradas, associadas à consorciação de pastagens adequadas, permitindo o pastejo por vários anos, quando corretamente manejadas, o que converge para a atividade leiteira ser uma boa opção para dar suporte econômico para os assentamentos².

Foram inúmeras as dificuldades encontradas pelas famílias assentadas para permanecerem na terra. As famílias que primeiramente ficaram acampadas, enfrentaram os mais diversos desafios que foram desde as intempéries, a restrição alimentar no qual tiveram que suportar, e fatores emocionais como estar diante de um local desconhecido para elas, as incertezas a respeito do sucesso e/ou fracasso que teriam nesta nova etapa de suas vidas, a distância dos municípios de onde vieram e os parentes que lá deixaram.

Muitas das famílias que atualmente vivem nos assentamentos de Hulha Negra passaram por todo este processo de resistência e conseguiram se estabelecer em seus lotes e desenvolverem-se na região, adequando-se à realidade local, mas também trazendo para a região, elementos de sua cultura. Chelotti afirma que: “Os assentados, sendo provenientes de outras regiões, trouxeram uma outra racionalidade no uso da terra, incorporando novos cultivos e fortalecendo a expressão da produção familiar/camponesa em âmbito regional” (CHELOTTI. M.C. 2003, p.95).

Porém, os desafios ainda não acabaram, eles apenas mudam de forma, e de acordo com a realidade de cada família, somam-se novos objetivos para serem alcançados. Uma das lutas pelas quais as famílias são desafiadas está ligada à sucessão familiar.

Ao analisarmos dados do SIGRA³ referentes à idade de cada integrante das famílias assentadas, é possível observar que há um percentual relativamente semelhante entre pessoas mais jovens e pessoas com idade avançada, o que gera uma expectativa da região ter força de trabalho, dando continuidade às atividades produtivas que já vem sendo realizadas, bem como o segmento das características socioculturais das famílias. Outro fator relevante na zona rural do município é a presença de várias escolas estaduais, sendo que uma delas oferece ensino médio e

² Informações do Relatório Ambiental para solicitação de Licença para Instalação e Operação - LIO

³ Banco de dados - Sistema Integrado de Gestão de Reforma Agrária da ATES (SIGRA).

EJA⁴, e escolas municipais, o que supostamente contribui para a permanência dos jovens por mais tempo no campo, tendo em vista que não necessitam ir à cidade para estudarem.

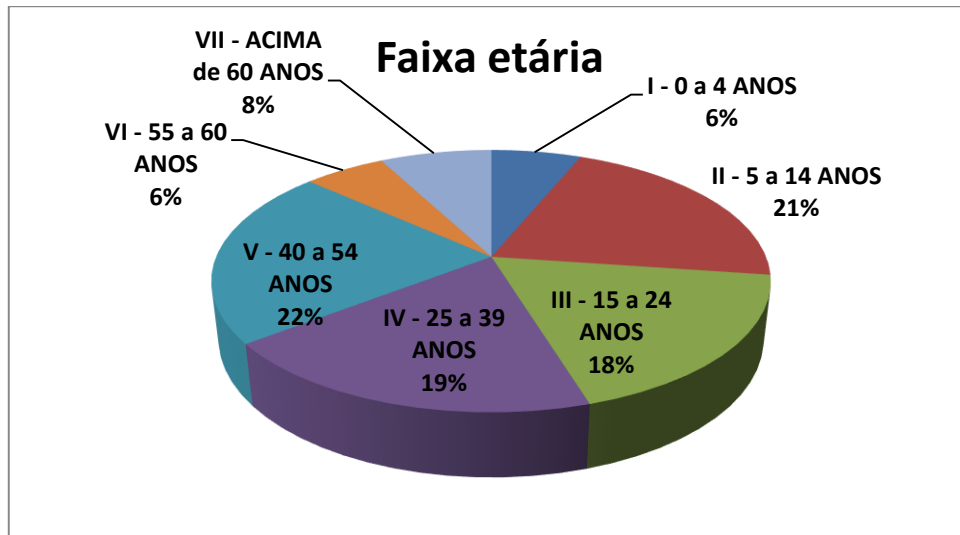


Figura 2 – Gráfico com a faixa etária das pessoas assentadas
 Fonte: Sistema Integrado de Gestão Agrária da ATES (SIGRA) [Acessado em 20/05/2015]

Parte dos agricultores assentados não deseja que seus filhos, após tornarem-se adolescentes, permaneçam no campo, pois devido a todas as lutas e todas as dificuldades que passaram para ficarem no campo, não querem que seus filhos passem pelas mesmas situações. Supõe que a vida na cidade seja melhor, tenha mais conforto, as chances de estudarem são maiores e a garantia de uma renda fixa pode trazer benefícios para estes jovens. Este pensamento acaba por incentivar a juventude a se afastar da vida no campo e se aproximar de cidades distantes da região, com oferta de serviços temporários.

Contudo, há também uma boa parte dos agricultores assentados que desejam sim, que seus filhos permaneçam no campo e desta forma estejam perto de sua família, conquistando sua independência através do desenvolvimento de atividades agrícolas. Evidentemente que esta decisão requer uma série de condicionantes que viabilizem a permanência da juventude no campo, pois não é apenas a tomada de decisão dela que garantirá seu futuro no campo. Um dos pontos determinantes para estes jovens é a conquista da terra.

⁴ Ensino para Jovens e Adultos (EJA).

De acordo com o estatuto da juventude, são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 e 29 anos de idade. Wanderley (2007, p. 22), apresenta seu conceito de juventude ressaltando que esta é um período de transição:

Assumimos que a juventude corresponde a um momento no ciclo de vida, caracterizado por um período de transição entre a infância e a idade adulta. Culturalmente determinada, a demarcação desta etapa da vida é sempre imprecisa, sendo referida ao fim dos estudos, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária.

Nesse processo de socialização e atribuição de papéis específicos, onde a juventude é vista como um estágio, uma situação de passagem para a vida social plena, também merece destaque a visão de Silva (2002, p.99):

A juventude, como construção social, tem sido vista como uma “fase da vida”. Fase esta marcada pela instabilidade e incertezas que são relacionadas a “problemas sociais”, frequentemente associados aos jovens do universo urbano. Um dos desdobramentos dos assim denominados “problemas sociais” são as tensões que vão sendo gestadas em torno da vontade de permanecer por muito mais tempo longe das responsabilidades, tais como casamento e constituição de família, para dedicar-se a outros projetos (estudo, profissão, divertimentos, por exemplo) e um mercado de trabalho cada vez mais restrito aos jovens com ou sem experiência profissional.

Em diversas leituras podemos encontrar textos que tratam do esvaziamento do campo, SPANEVELLO afirma que entre as questões que permeiam o desenvolvimento de espaços rurais, chama a atenção o esvaziamento populacional, ocasionado, sobretudo, pela saída de jovens que vão para a cidade estudar ou buscar melhores oportunidades de emprego e acabam não voltando para o campo.

Dentre as questões que permeiam o desenvolvimento de espaços rurais, destaca-se o esvaziamento populacional, ocasionado, sobretudo, pela saída de jovens que vão para a cidade estudar ou buscar melhores oportunidades de emprego e que acabam não regressando (SPANEVELLO, 2003, 2008).

Também, para Abramovay e Camarano (1998), nas últimas décadas ocorreu no Brasil um intenso esvaziamento no campo, principalmente de jovens em busca de melhores oportunidades de trabalho, com predominância da migração feminina para centros urbanos. Estas são duas faces de uma realidade que vem acarretando o envelhecimento da população e a masculinização do meio rural. Observam também que a queda de fecundidade no meio rural contribui igualmente para a diminuição da população camponesa no Brasil.

Costa trata com clareza a respeito das modificações em que o espaço rural no Rio Grande do Sul vem passando no que se refere à constituição das famílias ao serem comparadas com décadas atrás:

Os agentes de desenvolvimento, que há algumas décadas costumavam encontrar no espaço rural do Rio Grande do Sul estabelecimentos familiares onde conviviam o homem, a mulher e os seus vários filhos, agora encontram muitos adultos que vivem sozinhos ou com pais ou irmãos, bem como casais de idosos. (COSTA,2014 p.17)

Abaixo, podemos observar a quantidade de pessoas por família nos assentamentos de reforma agrária de Hulha Negra, chamando a atenção que 65% das famílias estão compostas por até 03 integrantes e que apenas 7% das famílias assentadas são constituídas por mais de 05 pessoas.

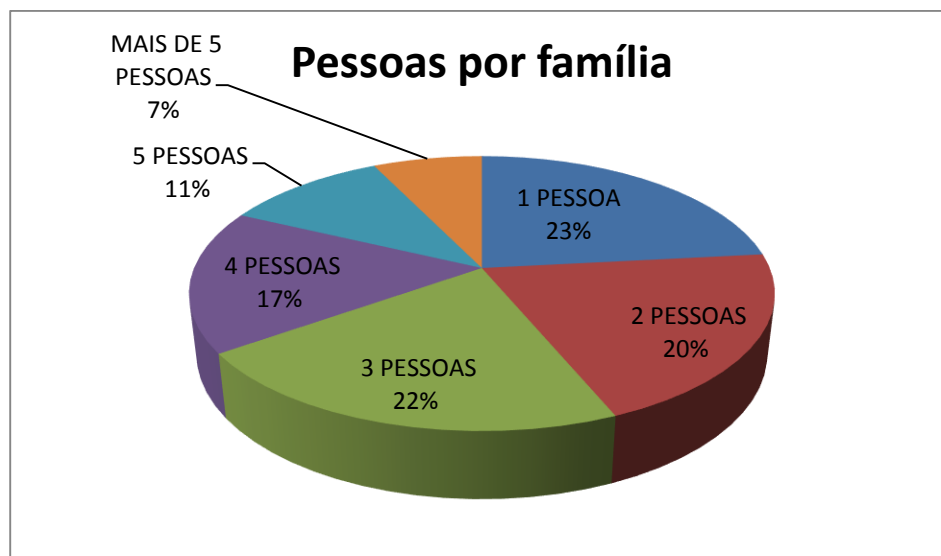


Figura 3 – Número de integrantes por famílias assentadas em Hulha Negra
Fonte – Sistema Integrado de Gestão Rural da ATES (SIGRA)

Os jovens do campo enfrentam muitos desafios e incertezas entre “sair e ficar” no campo (CASTRO, 2005). Entre as dificuldades de permanecer na agricultura há os limites impostos pela escassez da terra, da baixa renda das famílias e, conseqüentemente, de investimento na produção. Também, Abramovay, Silvestro, Mello, Dorigon e Baldissera (s.d.) assinalam que o desejo destes jovens de se tornarem proprietários de terra “cai conforme declina a categoria de renda considerada” enquanto “a aspiração por viver na cidade é tanto maior quanto menos promissor o horizonte de geração de renda no estabelecimento paterno”.

Diante de todas estas questões, possibilidades e desafios, o presente estudo buscou dialogar com jovens rurais assentados no município de Hulha Negra, através

da realização de entrevistas semi-estruturadas a três casais de jovens, com idade entre 22 a 28 anos. A escolha de três casais de jovens se deu em função de cada um deles desenvolver diferentes atividades agrícolas no lote em que vivem para poderem assegurar sua geração de renda. Nas três entrevistas, as perguntas foram respondidas pelos casais e não somente pelo jovem ou pela jovem.

OBJETIVOS DA PESQUISA

Objetivo geral

Analisar quais as motivações para os jovens permanecerem no campo, frente às adversidades do meio rural e quais são as estratégias e os projetos de vida dos jovens rurais que permanecem nos assentamentos de Reforma Agrária no município de Hulha Negra/RS.

Objetivos específicos

- a) Verificar quais as motivações econômicas que estimulam os jovens a permanecerem no campo.
- b) Identificar quais são os fatores não econômicos que motivam a permanência dos jovens no campo.
- c) Averiguar qual o perfil do jovem que permanece no assentamento.
- d) Identificar quais são seus projetos de vida.

CASAL 01

O primeiro casal entrevistado vive no Projeto de Assentamento Nova Querência, criado no ano de 2000, com uma área total de 1.430 ha, sendo 276,5 destes, destinados às Áreas de Preservação Permanente – APP's. São 55 lotes individuais destinados para as famílias assentadas.

Se por um lado existem aqueles jovens que resolvem sair do campo, seja impulsionados por sua família, que não deseja que seus filhos enfrentem as adversidades que o meio rural muitas vezes impõe, seja porque não conseguiram vislumbrar um futuro promissor no meio rural ou por quaisquer outro motivos, a

situação que trouxe este casal de jovens para o campo, vai na contramão de qualquer uma das situações acima citadas.

O jovem casal é oriundo do município de Julio de Castilhos/RS, a origem do rapaz e de sua família é rural, enquanto que a moça provém da área urbana do município. O pai do rapaz juntou dinheiro quando trabalhou em uma lavoura de 300 ha de soja, onde recebeu como pagamento dois sacos do grão, por hectare. Com este dinheiro, e mais a venda da casa que tinham na cidade, foram morar no assentamento Nova Querência, em Hulha Negra, pois já conheciam a região e tem parentes que moram no assentamento vizinho ao já mencionado.

A família do rapaz é composta por seus pais e mais três irmãos. Para a família ir para o assentamento, os pais do rapaz propuseram que todos fossem juntos para os lotes, pois desta forma, poderiam ajudar uns aos outros, tornando o trabalho mais fácil. Desta forma, o jovem, que não queria ficar longe de seus pais e que tinha um sonho de voltar a morar no campo aceitou a proposta, e sua esposa aceitou viver uma nova realidade, haja visto que o meio rural antes, para ela, era só um lugar para passear.

Com o dinheiro da venda da casa, foi levado um carregamento com as vacas de leite que os pais do jovem tinham e desta forma puderam iniciar o trabalho de produção leiteira no assentamento de Hulha Negra. A família passou a trabalhar em dois lotes, um foi destinado para os pais do jovem e os irmãos do rapaz, e outro para um de seus irmãos que é solteiro. Porém, o acordo feito pela família é o de que este irmão solteiro seguiria morando com seus pais e cederia o “seu lote” para o casal de jovens morar, com a proposta de batalharem para conseguirem no futuro outro lote somente para o casal, que estão casados há dois anos e tem um filha de 1 ano de idade.

No momento do ingresso no lote que o casal mora, a única infraestrutura encontrada era uma precária casa de madeira, com a fiação elétrica totalmente comprometida. Então, o acordo inicial do casal era de ser feita uma grande reforma na casa, para que pudessem ter mais conforto para eles e principalmente para sua filha. No entanto, a jovem conta os imprevistos, mas também possibilidades que aconteceram:

A gente sabia que ia reformar a casa [...] quando nós chegamos de mudança aqui, meu marido resolveu que ia comprar os bichos e não ia reformar a casa. Daí me deu aquele impacto, isso daí já em julho⁵ que nós viemos e combinamos para reformar tudo. Quando nós chegamos aqui que

⁵ O casal chegou em julho de 2014.

apareceu essas novilhas e coisarada, me deu um baque, eu disse de que jeito vou ficar aqui com minha filha? Não por nada, mas nós sempre moramos bem, né [...] (Diário de Campo)

Quando a família chegou ao assentamento, a primeira atividade que desenvolveu foi a produção leiteira, pois trouxeram de seu município nove vacas leiteiras e quatro novilhas que já possuíam. Neste momento, se depararam com os lotes sem nenhuma pastagem e o campo nativo praticamente inexistente com o agravante de estarem no auge do inverno e não havia infraestrutura para fazer pastagens. Todos os serviços de preparo da terra, como roçadas e plantio nos dois lotes, tiveram que ser pagos, mas conforme relatado na entrevista, o dinheiro que a família dispunha no momento era somente para se manterem nos três primeiros meses. Desta forma, os vizinhos confiaram na família e fizeram o serviço para ser pago mais tarde.

Para se falar das atividades produtivas que o casal de jovens desenvolve, necessariamente é preciso falar de sua relação com a família, pois a tomada de decisões é feita em conjunto, como explica o casal:

Daí ficou uns vinte poucos mil pra trás, da casa lá, que foi daí o brique do trator que agente fez [...] porque é assim, senta tudo numa mesa redonda e é conversado com todo mundo, porque o dinheiro da casa, que era esses vinte poucos mil, nós ia reformar as duas casas, aqui e na casa dos sogros, e daí nós abrimos mão, eu e minha sogra, pra comprar o trator, porque não tem como tu ficar pagando tudo né [...] Daí, eles foram pra Julio receber o dinheiro que faltava da casa e já pagaram o trator e agora ele é nosso! (Diário de Campo)

Para complementar a renda da família, foram plantadas três áreas de sementeiras, como abóbora, quiabo e melão, somando o total de cinco hectares. O casal vê a renda deste cultivo como uma poupança, um dinheiro que não se pode contar mensalmente, mas um valor significativo para ser recebido a longo prazo.

O jovem casal enfrentou algumas situações que colocaram à prova a decisão de viverem no espaço rural e assim enfrentar e/ou conviver com suas adversidades. No mês de dezembro de 2014, ocorreu um forte temporal que destelhou diversas casas no município, onde muitas famílias assentadas de Hulha Negra⁶ perderam grande parte do que possuíam dentro de casa, assim como tiveram prejuízos nas lavouras. O casal relembra como foi aquele momento:

[...] caía água, jorrava água nas coisa, nas cama, tudo tudo, nas cobertas, no meu guarda-roupa. Eu disse para meu marido – e agora? Ele dizia – calma! Eu tremia, eu orava e nossa filha tremia de medo e orava conosco [...] daí

⁶ Maiores informações sobre este evento climático ocorrido no município, podem ser encontradas no Jornal Minuano, do dia 27 e 28 de dezembro de 2014.

meus cunhados vieram com uma lona da casa deles e não conseguiam colocar porque era muito vento. Eu disse deixa isso aí, vamos deixar que chova e depois a gente seca e o que puder recuperar, a gente recupera. Vamos se abrigar! Daí fomos tudo para o banheiro e ficamos lá. Eu disse – não vamos pensar nas coisas materiais. O que importante é que nós tamo vivo e eu chorava chorava chorava. (Diário de Campo)

Através dos relatos do casal, é possível perceber que ambos têm o claro desejo de prosperar, convertendo pequenos serviços na compra de terneiras para aumentar o rebanho leiteiro da família e outra parte, para aos poucos arrumar a casa que vivem e também os seus arredores. Ao falar das condições de seu lote, a jovem não compreende como é possível que uma família tenha vivido quatorze anos em cima do lote e não conseguiu plantar um pé de árvore sequer, para fazer um quebra-vento para proteger a casa.

Uma das motivações não econômicas nas quais os jovens têm para permanecer no campo é a nítida clareza de que as pessoas que moram na cidade não tem a mesma chance que as pessoas que vivem no meio rural, no que se refere à expectativa e qualidade de vida. O jovem, antes de ir morar no interior de Hulha Negra, trabalhava em três atividades na sua cidade de origem, numa loja de venda de móveis e eletrodomésticos, montou uma estofaria na garagem de sua casa e à noite trabalhava numa lancheria, dormindo cerca de três horas por noite e ela trabalhava em uma farmácia.

Pode ser percebido como um fator econômico e também não econômico a possibilidade da produção para o autoconsumo, pois já foi preparada uma pequena horta no lote, e há a criação de pequenos animais. Esta produção pode ser vista como fator econômico, pois são alimentos que o casal deixa de comprar na cidade e gera uma economia para eles, evidentemente que há gastos com manejo das criações, contudo ainda é possível economizar. Pelo ponto de vista do fator não econômico, a produção de alimentos no lote é a garantia do consumo de alimentos saudáveis, produzidos de forma agroecológica, caminhando para a segurança e soberania alimentar da família.

Outro fator não econômico mencionado pelo jovem tem haver com identidade, uma vez que a origem dele é rural e este se sentia bem vivendo no campo. Quando morou na cidade, seu desejo era retornar para suas origens. Uma frase dita pelo jovem pode ajudar a explicar sua afirmação: *Eu vim pra cidade com quatorze anos, mas nunca gostei de tá na cidade, eu trabalhava, mas não era aquela coisa que o cara gosta...*

Quanto à geração de renda, vista neste estudo sob a perspectiva de motivação econômica para os jovens permanecerem no campo, foi possível verificar que o casal fez um contraponto entre as experiências que já tiveram no meio urbano e a experiência que estão vivenciando no meio rural. Enquanto que na cidade o casal trabalhava muito além da jornada de trabalho que uma pessoa deve trabalhar, levando estes à exaustão e o desenvolvimento de problemas de saúde, no campo, a renda pode ser muito maior e os agricultores tem certa gestão do tempo nas suas atividades.

Mesmo há pouco tempo no assentamento, o casal já está inserido no contexto das políticas públicas existentes. A família que morava no lote antes, foi contemplada no Programa Quintais Sustentáveis⁷, recebendo mudas de árvores frutíferas, de acácia, material para montar uma estrutura para irrigação, recebendo também, insumos como adubo e calcário e sementes para adubação verde. Este material será utilizado pelo casal que deseja investir em uma grande horta para comercializar as verduras e legumes, para as escolas da rede municipal e estadual de Hulha Negra, através do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Pode-se observar que a família tem facilidade para buscar formas de estar inserida em atividades agregadoras de renda. Logo de sua chegada ao interior do município, já participam da Feira da Reforma Agrária que ocorre na cidade, comercializando pães e bolachas. Pois entendem que este mercado é positivo para eles, mas também contribui para o desenvolvimento do município.

Através da trajetória de vida do casal, foi possível averiguar que o perfil destes jovens é de pessoas que tem na família sua base na união da família, com escolaridade bastante avançada em relação aos índices da região, e as relações de gênero e tomada de decisões se dão de forma horizontal e que são pessoas com maturidade o suficiente para conseguirem analisar com clareza os prós e contras que existem na vida da cidade e a vida do campo.

Os planos do casal estão relacionados à sua permanência no campo, desenvolvendo e aprimorando suas atividades de produção leiteira, assim como reservar uma área para a plantação de sementeiras, e destinar uma pequena área de terra para o cultivo de hortaliças para o consumo da família, mas também para a comercialização do excedente através do PNAE.

⁷ Este programa é fruto da parceria do INCRA e da SDR/RS, com verbas do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS).

CASAL 02

O segundo casal entrevistado mora no Projeto de Assentamento Nova Geração, criado no ano de 2000, com uma área total de 252,7 ha, sendo 55,4 destes, destinados às Áreas de Preservação Permanente – APP's. São 10 lotes individuais destinados para as famílias assentadas.

O casal de jovens, juntos há sete anos, tem sua origem no meio rural, sendo que seus pais, tanto do rapaz, quanto da moça fazem parte das primeiras famílias assentadas na região, que vieram no ano de 1989, numa época em que praticamente não havia nenhuma infraestrutura para o desenvolvimento das famílias assentadas, como energia elétrica e estradas trafegáveis. O lote onde os jovens moram e estão regularizados fica próximo ao assentamento dos pais da moça.

Nos últimos quatro anos, a principal atividade agrícola desenvolvida pelo casal é o cultivo de soja, e como esta requer uma extensa área de terra, as atividades são realizadas em parceria com os pais da jovem e o seu irmão. Desta forma são três lotes para que a família trabalhe em conjunto, somando suas áreas de terra, dividindo o trabalho, as responsabilidades e a renda, conforme a jovem revela: *Tem entrada, tem saída, tudo vai certinho, lançadinho num caderno, desde os pagamentos.. até tenho um boleto para pagar, tudo a três.*

Também há, como atividade complementar, a produção leiteira que auxilia nas despesas da casa, e serve como apoio para alguns gastos na lavoura. Contudo, os jovens e sua família pensam, com o passar do tempo, deixar a atividade leiteira e migrar para a criação de gado de corte. Diz a jovem:

Porque a ideia, não sei, com o tempo, como é uma coisa de todo dia, envolve bem mais, é quem sabe ir pro lado do animal de corte e deixar o leite. Essa que é a ideia de começar a fazer.. Porque o leite é aquela coisa de todo dia, não tem sábado, não tem domingo. Claro que para as despesas da casa dá bem. Mas a ideia é ir pro gado de corte. (Diário de Campo)

O casal conta que a plantação de soja passou a ser a principal atividade da família. No início, não por uma questão de afinidade com o cultivo, mas sim por ser uma demanda do mercado. Pois entendem que somente estando aliados ao mercado, podem obter uma renda significativa. Conforme diz o jovem: *a soja tá crescendo aqui porque tem mercado, porque tem muitas outras coisas que dá mais que soja, a renda é maior, só que não tem mercado aqui.*

Atualmente, pode-se dizer que o casal e sua família vêm adquirindo conhecimentos no que se refere à administração da lavoura, pois sabem separar o

quanto obtém de lucro e quanto devem reservar para os gastos do próximo plantio, tanto que chegaram ao nível de organização de pagar à vista grande parte das despesas decorrentes do cultivo. Se no início da atividade a relação com a produção do grão estava ligada somente à renda, hoje em dia a família sente-se satisfeita com o serviço. A jovem diz que acha que atualmente estuda mais do que na época do colégio, pois está sempre lendo e pesquisando e adora estar na lavoura, acompanhando o desenvolvimento das plantas:

... daí começamos com um pouquinho, a gente vai aprendendo, tu vai atrás, conversando com um e outro e é aquela coisa, eu acho, de gostar, porque eu adoro tá no meio da lavoura, se estão na colheita ou no plantio, eu to direto, tirando foto e toda vez de fazer o monitoramento da lavoura, tem que tá em cima. Tu chegar e saber isso é isso, e isso aquilo, é bom. Então a gente está sempre conversando com um e outro, sai bastante palestra [...] querendo tu consegue. (Diário de Campo)

Uma questão que deve ser observada no que se refere à agricultura familiar, é que muitas vezes os pais dos jovens não dão espaço para que estes possam ser parceiros na tomada de decisões o que acaba por afugentar o jovem das atividades do campo, conforme argumenta Reuben (1990):

A invisibilidade é um dos principais fatores que inibem o desenvolvimento das potencialidades dos jovens, o que os impede de contribuir para o desenvolvimento rural sustentável. A primeira barreira é de ordem cultural e está associada aos conflitos dos jovens na família. O jovem não consegue ser ouvido em seu ambiente familiar. A estrutura patriarcal, ainda existente na maioria das áreas rurais, limita o acesso dos jovens a manifestações e até mesmo na tomada de decisões.

O casal conta que a parceria de sua família foi fundamental para que os jovens pudessem hoje estar bem estruturados, e a questão de cada um ter um lote, tornou o trabalho mais rentável para todos. Hoje em dia, a família tem toda estrutura, como maquinário e equipamentos para o plantio das lavouras. O trabalho e experiência dos pais da jovem são reconhecidos por ela e seu esposo:

O pai já tinha um começo e ele assim, abriu mão. O que ele tinha, hoje, ele disse é nosso. E daí começamos todos junto, porque a gente não tinha muita experiência de como fazer. Então meu pai disse vamos trabalhar junto e daí todo mundo se ajudando fica mais fácil e hoje ele não tem o que é dele, é nosso! [...] como lavoura envolvia muito dinheiro, o primeiro ano o pai plantou pra nós, ele botou o dinheiro e a gente ajudou com mão de obra, daí aquele dinheiro (da colheita de soja) foi dividido igual em três, o pai nem tirou a parte do que ele botou. (Diário de Campo)

Entre a família, pode-se observar que as questões de gênero são vistas de uma forma em que a mulher pode ocupar o espaço que ela quiser, no sentido de que a jovem tem seu espaço e liberdade para participar das atividades produtivas, além das questões de administração do dinheiro envolvido em todas as linhas de produção dos

agricultores, esta situação diverge de algumas das constatações que CASTRO (2006) fez em seus estudos sobre juventude rural e a reprodução social das hierarquias, falando que “ser jovem rural carrega o peso de uma posição hierárquica de submissão. Mas, ser jovem rural e mulher representa uma situação de “inferioridade” na hierarquia social, ainda maior.” Um exemplo relatado pela jovem pode ilustrar esta relação na família: *“Esse ano eu já me senti o máximo, porque eu adoro tá em cima (das máquinas). Esse ano eu já consegui pegar com o trator, encostar graneleiro... eu estava nas nuvens, me sentindo...!”*

Ao longo do diálogo estabelecido com o casal e através dos relatos feitos pelos jovens, foi possível constatar que são diversas as motivações que os levam a permanecer no campo. Se por um lado existem fatores econômicos interessantes para eles, por outro há aspectos não econômicos que fortalecem sua decisão por ficar no meio rural e traçar projetos de vida para o seu futuro.

Uma das motivações não econômicas é boa relação que a família tem, foi visto que há a parceria e preocupação dos seus pais com seu bem-estar, pois não apoiariam os jovens para permanecer no campo, caso tivessem que passar por todas as dificuldades que enfrentaram durante o acampamento e no primeiro período já enquanto assentados. E também, mesmo morando distante de muitos dos seus amigos, eles conseguem manter contato, fazer reuniões, pescarias e ir a bailes juntos, ou seja, a distância não é um empecilho para terem uma vida social movimentada.

No que se refere às motivações econômicas, os jovens analisam que em tão pouco tempo já conseguiram adquirir bens, como carro e casa e vislumbram a possibilidade de crescerem economicamente, e caso estivessem morando na cidade, talvez demorariam mais tempo para conquistar estes bens materiais

Nós não temos ideia nenhuma de sair, porque não é que a gente esteja bem bem bem, com dinheiro sobrando, mas a gente tem uma vida confortável, já assim cedo em relação a muitos que a gente conhece da nossa idade que estão aí com aquele salário mínimo, tentando, tentando, né... (Diário de Campo)

Pode-se observar que o fato dos jovens estarem bem estruturados, sendo que somente há quatro anos trabalham no lote, faz com que seus planos para o futuro sejam de permanecer no campo e continuarem se desenvolvendo. A prioridade do casal é investir na lavoura, pois é dela que conseguem obter renda, contudo estão sempre testando novas culturas e criações, pois tem consciência que esta fase positiva da soja não será eterna. No futuro, os jovens pretendem seguir a tendência das famílias com poucos filhos.

CASAL 03

O terceiro casal entrevistado está regularizado em seu lote há mais de quatro anos, no Projeto de Assentamento Nova Querência. Os pais de ambos têm sua origem no meio rural, oriundos do interior de Redentora e de Quevedos, vivem no mesmo assentamento que o casal, desde sua criação, há quinze anos, passando pela fase do acampamento até serem assentados cada em seu lote e morarem em galpões até o ano 2009, quando foram construídas casas para as famílias.

A principal atividade produtiva do casal, que está junto há cinco anos, é a produção leiteira, e complementam sua renda com criação de gado de corte e criação de ovinos. A administração da renda das suas atividades é feita pelo casal. A jovem conta que toma nota de todos os gastos mensais com a casa e com as despesas com os animais, pastagens, remédios para o gado, etc. Pode-se dizer que o envolvimento com o trabalho leiteiro teve influência de seus pais, pois ambos trabalham com esta atividade e obtém significativa renda oriunda deste serviço e logo, foi o serviço que ensinaram para seus filhos.

O casal desenvolve a maioria de suas atividades agrícolas independentes das atividades de suas famílias, exceto a criação de gado de corte, que é feita em conjunto com os irmãos do rapaz, que também têm lote no local. Somente o início da produção leiteira do casal contou com o apoio dos pais do jovem, pois naquela época tinham poucas vacas de leite e o seu lote, todavia não estava estruturado para o serviço, sendo necessário fazerem a ordenha juntos com a família. A moça fala das vantagens de trabalhar por conta, sem ter patrão e também por poder estar todo tempo com filho que os jovens tem, de 2 anos de idade:

Fora que eu tiro leite, largo minhas vacas, faço meu serviçinho e tô em casa, não tô mandada por ninguém, não tenho que obedecer ordem de ninguém, não preciso pegar ônibus, porque pegar ônibus é horrível, sei lá... até pra ti ter um filho aqui é muito melhor, pensa só, eu posso ter a companhia dele o dia todo. Lá (na cidade) eu teria que largar ele numa creche. (Diário de Campo)

Os jovens tem bom convívio com as demais famílias do assentamento, estabelecendo relações de amizade com seus vizinhos. O casal conta que como um das atividades de lazer que gostam de fazer, é participar das reuniões para comemorar os aniversários de parentes e amigos, assim como participam das atividades no centro comunitário da localidade, onde estão envolvidos na construção de uma igreja católica no assentamento. Entre os jovens há um acordo de que é

necessário trabalhar para adquirir bens, mas também de aproveitar as coisas, como relata a jovem:

Entre eu e ele, a gente sempre conversou, a gente tê nosso serviço, tê nossas coisas, mas nunca, digamos assim, só abaixar a cabeça para trabalhar e ter e ter e ter, entendeu? A gente se dá o prazer de sair, se dá o prazer de ir, tem qualquer coisa assim a gente vai. Lógico a gente não vai abandonar tudo e vai sair, não. Mas a gente pensa assim, em primeiro de tudo a gente ter prazer nas coisa e não só em trabalhar pra ter ter, uma hora o que que tu vai fazer com tudo, entendeu? (Diário de Campo)

Durante o diálogo com o casal, foi possível constatar que ambos prezam por sua autonomia e liberdade, muito embora os jovens concordem que a vida no campo tem suas adversidades, todo trabalho que desenvolverem será compensado. O jovem fala que o maior problema é a restrição da área, pois não vê a possibilidade de se ter mais terras. Por outro lado, ele diz que mesmo assim é possível conquistar uma boa condição de vida, contanto que haja esforço:

A pessoa que não quer trabalhar, em qualquer lugar é difícil. A pessoa que não quer... porque aqui é difícil! Tu alevante cedo, tu tem que batalha o dia inteiro, é claro que lógico, tem uns dia que tu não que trabalha, tu não trabalha, não é obrigado a trabalha. E tu tá fazendo pra si, quanto mais tu faze, tu vai faze pra si, tu não vai trabalha pra ninguém. (Diário de Campo)

Um dos fatores econômicos que motivam este casal a permanecer no campo, é sua clara visão de que viver na cidade com qualidade de vida, tem um custo econômico muito alto e despesas que no campo eles não tem, como aluguel, água e IPTU. E mesmo que seu grau de estudo seja considerado alto em relação às demais famílias assentadas, acreditam que sem terem nível superior, conseguiriam um emprego com uma remuneração de no máximo um terço da renda que atualmente geram no campo, conforme diz o rapaz:

...e o custo de vida tá muito alto, tá muito alto, e aqui na campanha tu tem a carne, tu tem uma horta, tu tem leite, não precisa comprar. Nós mesmo, faz como... carne lá de vez em quando compra algum pedacinho de gado, mas a carne geralmente é daqui. (Na cidade) tu vive com aquele salário, tu parou de trabalha, não tem mais aquele salário. Daí tu não tem daonde tirar de outro coisa. Então eu não sei, cada um é cada um, mas uma opção de vida da campanha é muito melhor hoje em dia do que tu viver na cidade, trabalhar de empregado, é muito complicado (Diário de Campo)

Fatores ligados à satisfação com a renda produzida, são motivações importantes para que as pessoas permaneçam no campo, muito em especial a juventude rural, que necessita de fortes motivos que provem para ela que viver no campo é possível. Entretanto, conforme já observado, os jovens também precisam de motivações não econômicas para ficarem no campo. Entre o casal, foi possível

observar que eles já conquistaram sua independência financeira e valorizam o fato deles serem os próprios gerenciadores de seu trabalho.

Ainda, sentem-se gratificados por poderem acompanhar de perto o crescimento de seu filho e acreditam que a vida no campo é mais saudável para o desenvolvimento de uma criança, tendo em vista que não precisa estar fechada em casa, com medo da violência e no campo, pode ter contato com a natureza.

Um dos projetos para futuro do casal, está ligado à construção de uma casa no seu lote com uma infraestrutura melhor e cercada no seu entorno e desejam investir no melhoramento do solo, para que as pastagens e pequenas lavouras possam se desenvolver melhor. A jovem disse que pretende no futuro, cursar uma faculdade, não para ir embora do campo, mas para ajudar a realizar o serviço do forma ainda melhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das propostas da presente pesquisa foi averiguar qual o perfil dos jovens que permanecem no campo. Diante disso, através dos estudos e das entrevistas realizadas aos três casais de jovens, escolhidos pela questão de já haver uma boa relação pré-existente com os mesmos, foi possível visualizar que os jovens que permanecem no campo são aqueles que se casaram, constituíram sua própria família e não moram junto com seus genitores. Porém, trabalham juntos com eles, ou pelo menos, receberam apoio deles até conseguirem se estabelecer de forma independente.

Ainda quanto à relação dos jovens com seus pais, verificou-se que há uma relação de parceria entre eles. Se por um lado os pais têm experiência e melhores condições financeiras que os filhos, por outro lado, a juventude oferece sua força, entusiasmo e novas ideias para o trabalho em família. Também verificou-se que a situação econômica paterna estimulou a permanência dos casais no meio rural. Pois quanto mais restritas são as condições de vida dos pais, há menos interesse por parte dos filhos em permanecer no campo, inclusive porque agricultores que vivem em situação de demasiada precariedade, na sua maioria, não deseja que os filhos fiquem no campo.

No que se refere às relações de gênero, os jovens relataram que não há distinção entre homem e mulher, pois a tomada de decisões está condicionada aos acordos feitos pelo casal na administração de seu lote. Inclusive, são as moças que

tem maior controle na entrada e saída de dinheiro do lote. As relações sociais são outro ponto importante no cotidiano dos jovens, já que todos os casais entrevistados tem bom convívio com seus vizinhos, costumam participar das atividades da comunidade e fazem reuniões com os seus amigos.

Neste estudo, procurou-se identificar quais os fatores não econômicos que motivam a permanência destes casais no campo. Para melhor compreensão, nesta pesquisa atribui-se como fatores não econômicos, todos aqueles elementos que não estão ligados diretamente à renda e que estimulam a juventude rural a permanecer nos assentamentos. A possibilidade de estarem mais tempo perto de seus filhos, e estes terem liberdade para crescer num ambiente mais tranquilo em relação às condições de vida na cidade. Mesmo que o campo ofereça suas adversidades, os jovens podem ter certa gestão do tempo gasto para realizar suas atividades e sabem que quanto maior for o seu esforço e dedicação no trabalho, melhores resultados vão ter em sua produção agrícola. Estar perto dos pais também foi considerado como um ponto positivo.

Também foram verificadas quais as motivações econômicas que estimulam os jovens a permanecerem no campo. Foi necessário fazer uma ponderação, pois cada casal entrevistado está num estágio de desenvolvimento, no entanto, todos relataram que em pouco tempo podem adquirir bens que provavelmente trabalhando na cidade, demorariam muito mais tempo para conquistarem. Também falaram que os gastos na cidade são bem maiores do que no assentamento, tendo despesas com aluguel, água, IPTU, etc. A produção de alimentos para subsistência, foi outro elemento citado pelos jovens, pois a diversidade de alimentos que eles tem em sua mesa, é um benefício que o meio rural proporciona para eles.

Os projetos de vida dos casais estão ligados à sua permanência no campo, mesmo que todos eles tenham um nível de escolaridade superior à média das famílias assentadas, percebem que ao ficarem no campo, terão assegurada sua qualidade de vida, como saúde, bem estar e fartura de alimentos. Sabe-se que muitos jovens assentados vão para a cidade, pois acreditam que a possibilidade de terem uma renda fixa é a garantia de uma vida melhor. Porém, os jovens entrevistados, não querem esta garantia da mesma renda, igual em todos os meses. Pelo contrário, eles querem a garantia de poderem trabalhar e serem capazes de aumentar seus rendimentos, traçando estratégias para a aquisição de conhecimentos que os ajudem a se desenvolver campo.

Ao se tratar do tema desenvolvimento, SEN (2010) afirma que este deve estar essencialmente ligado com a melhora da vida que levamos:

O desenvolvimento tem de estar relacionado, sobretudo com a melhora da vida que levamos e das liberdades que desfrutamos. Expandir as liberdades que temos razão para valorizar não só torna nossa vida mais rica e mais desimpedida, mas também permite que sejamos seres sociais mais completos, pondo em prática nossas volições, interagindo com o mundo em que vivemos e influenciando esse mundo. (SEN, 2010 p.29)

É importante refletir que os casais de jovens assentados, ao assumirem uma área de terra, ou seja, um lote, eles estão assumindo de certo modo, uma grande responsabilidade, pois nesta área ele viverá, trabalhará e se autoafirmará como responsável por sua família. Não é simplesmente este casal construir uma casa e nela viver, ele deverá tirar o seu sustento do espaço onde vive, e fazer a gestão de seu lote, assumindo responsabilidades, inclusive no que se refere à conservação ambiental.

Durante a leitura de diversos textos que tratam da juventude rural, grande parte destes, afirmam que o campo está se tornando um espaço vazio em decorrência da saída dos jovens do meio rural. Nas atividades de extensão rural, na qual esta pesquisadora integra uma equipe de assistência técnica no município de Hulha Negra, foi possível verificar a presença de vários casais de jovens. No entanto, não significa que muitos outros jovens já não tenham ido embora por vários motivos. Mas o fato é que muitos destes que partiram, gostariam de ter ficado em um lote, mas não puderam porque todas as frações de terra já estão “ocupadas”.

Contudo sabe-se que há lotes vagos e muitos titulares de lote não moram no local ou não desenvolvem sequer uma atividade rural. Por isso, seria interessante que houvesse uma fiscalização mais intensa e rigorosa dos órgãos responsáveis, a fim de que possam disponibilizar lotes para jovens trabalhadores que desejam viver no campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, R.; SILVESTRO, M. L.; MELLO, M. A. de; DORIGON, C.; BALDISSERA, I. T. **Agricultura familiar e sucessão profissional**: novos desafios. <http://www.gp.usp.br/files/denru_sucessao.pdf>. Acessado em 26.04.2015.

BRASIL. Lei 12.852, de 5 de Agosto de 2013 Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude – SINAJUVE. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 5 de agosto de 2013. Disponível em www.planalto.com.br/ccivil_03/ Ato2011-2014/2013/Lei/12.582/htm

BRENNER, A. K. ; CARRANO, P. ; DAYRELL, J. **Culturas do Lazer e de Tempo Livre dos Jovens Brasileiros**. In: ABRAMO, H. W. ; BRANCO, P. P. M. Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Fundação Perseu Abramo, 2005.

CASTRO, E.G. **As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias**. In: WOORTMANN, E.F.; HEREDIA, B.; MENASHE, R. (Org.). Margarida Alves: coletânea sobre estudos rurais e gênero. Brasília: MDA, IICA, 2006, p. 245 – 275.

CASTRO, E. G. de. **Entre Ficar e Sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Tese de Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PPGAS/MN/UFRJ, 2005.

CHELOTTI, M. C. **A instalação de assentamentos rurais e a inserção de novos agentes no espaço agrário do município de Sant’Ana do Livramento – RS**. 2003, 215f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

CHIES, J. J. **Feira da Reforma Agrária e Geração de Renda para os Assentados em Pedras Altas (RS)**. Monografia da Especialização em Agricultura Familiar Camponesa e Educação do Campo da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria/RS, 2011.

COSTA, C. **"Somos solteirões": a construção social da solteirice na agricultura familiar de Alegrete/RS**. Tese de Doutorado 2014. 211 p.

GASSON, R. **Goals and Values of Farmers**. *Journal of Agricultural Economics*, Oxford, v. 24, p. 521-538, 1973.

LAMARCHE, Hugues (coord.). **A agricultura familiar: uma realidade multiforme**. Campinas: Unicamp, 1993.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Populacional 2010. Disponível em: < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em 09 Jun 2015.

MIRANDA, Edna Lopes, M. Sc., Universidade Federal de Viçosa, março de 2014. **Protagonismo, participação e projetos de vida: movimento dos jovens agroecológicos no município de Araponga-MG**. Orientadora: Maria das Dores Saraiva de Loreto. Coorientador: Everton Lazzaretti Picoletto.

PICCIN, Marcos Botton. **Lógicas socioculturais e estratégias produtivas no assentamento menina dos olhos dos sem-terra**. 2007. 199p. Dissertação (Mestrado de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2007

REUBEN, W. **La juventud rural en América Latina y em Caribe**. San José: Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura (IICA), 1990.

RIO GRANDE DO SUL, Lei n. 11.361, de 27 de Julho de 1999. Institui o dia 15 de julho como Dia Estadual da Juventude Rural. Diário Oficial do Estado. Palácio Piratini, em Porto Alegre, 27 de julho de 1999. Disponível em <http://www.al.rs.gov.br/legis>

SEMINÁRIO DE PESQUISA NA REGIÃO SUL, 9, 2012, **Juventude Rural no contexto da agricultura familiar: Migração e Investimento nos Estudos**. 16p.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como Liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO RURAL DA ATES (SIGRA). Disponível em: <<http://www.sigra.net.br>>. Acesso em: 20 Mai. 2015.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosangela da Silva. **Trabalhando com histórias de vida: percalços de uma pesquisa(dora?)**. Rev. esc. Enferm. USP, Jun 2003, vol.37, no. 2, p.119-126.

WANDERLEY, M. N. B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: TEDESCO, J. C. (Org) Agricultura familiar: realidade e perspectivas. 3.ed. Passo Fundo: Editora da UPF, 2001. p. 21-55

www.mprs.mp.br/%2Fareas%2Fmapa_social%2Fquivos%2Frelatorios%2Fsociais

Diário de Campo:

As entrevistas foram realizadas nas seguintes datas:

CASAL 01 – Entrevistado em 28 de Maio de 2015;

CASAL 02 – Entrevistado em 29 de Maio de 2015;

CASAL 03 – Entrevistado em 05 de Junho de 2015.